

# ***Estou tentando sobreviver: constituição de imaginários sobre gays afegãos pela mídia jornalística no Brasil***

**Carlos Eduardo de Paula SANTOS<sup>1</sup>**

**Maraísa LOPES<sup>2</sup>**

**José Ribamar Lopes BATISTA JÚNIOR<sup>3</sup>**

---

1 Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil;

| carloseduardodepaulasantos@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-7028-9570>

2 Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil;

| maraisa\_lopes@uol.com.br | <https://orcid.org/0000-0001-8408-3103>

3 Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil;

| ribas@labproducaotextual.com | <https://orcid.org/0000-0002-4777-3305>

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i2.3702>

**Resumo:** Este estudo objetiva compreender como é constituído o imaginário sobre a população de homens *gays* afegãos pela mídia no Brasil em reportagens publicadas por diferentes agências de notícias após a tomada do Afeganistão pelo Talibã em 2021. Tendo como aporte teórico a Análise de Discurso Materialista, defendida por Pêcheux (1969) e Orlandi (2006, 2007, 2009), foram analisadas três reportagens que tiveram como tema central a condição de vida dos *gays* afegãos pós Talibã. Os resultados apontam para posições-sujeito silenciadas, mas, ainda sim, (r)existentes, que transitam entre práticas culturais ocultas e que necessitam de análises que toquem formações discursivas e imaginárias.

**Palavras-chave:** Gay afegão. Mídia no Brasil. Imaginário.

---

## ***I'm trying to survive: the construction of the imaginary about afghan gays by the brazilian journalistic media***

**Abstract:** This study aims to understand how the imaginary about the Afghan gay men population is constituted by the media in Brazil in reports published by different news agencies after the Taliban takeover of Afghanistan in 2021. Having as a theoretical contribution the Materialist Discourse Analysis, defended by Pêcheux (1969) and Orlandi (2006, 2007, 2009), three reports that had as their central theme the living conditions of gay Afghans post-Taliban were analyzed. The results point to silenced but still (r)existing subject-positions that move between hidden cultural practices and that require analyses that touch discursive and imaginary formations.

**Keywords:** Afghan gay. Media in Brazil. Imaginary.

### **| Introdução**

Este artigo tem como objetivo geral compreender como é constituído o imaginário sobre a população de homens *gays* afegãos pela mídia no Brasil em reportagens publicadas por diferentes agências de notícias após a tomada do Afeganistão pelo Talibã em 2021. Este período histórico se torna relevante, pois marca a saída dos Estados Unidos do Afeganistão e a retomada do poder pelo Talibã. Dois regimes diferentes, o primeiro mais liberal em relação à pauta de costumes e o segundo declaradamente mais rígido, o que implica duras consequências para a comunidade LGBTQIAPN+.

A sigla LGBTQIAPN+ é uma atualização do termo LGBT que vinha sendo utilizado desde 1980 e incorpora uma comunidade de pessoas que não se enquadram na chamada *heterocisnormatividade*, quais sejam: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer*, Intersexo, Assexual, Pansexual, não-binários e outros (+), e empreendem uma análise complexa, tendo em vista sua diversidade constitutiva. Levando em consideração a parte da comunidade que mais foi citada nas reportagens, este estudo se centra no imaginário sobre os homens *gays* afegãos, grupo diretamente afetado e pouco assistido.

Com base teórica na Análise de Discurso (AD), defendida por Pêcheux (2014 [1969]) e Orlandi (2006, 2007, 2009), este artigo tem por objetivos específicos: 1. Identificar as formações discursivas (FD) e o imaginário sobre a população de homens *gays* afegãos constituídos pela mídia no Brasil; 2. Analisar as condições de produção (CP) e a interdiscursividade em discursos da mídia no Brasil sobre os *gays* afegãos e 3. Observar as formas de silêncio na representação dos sujeitos *gays* afegãos pela mídia no Brasil.

O *corpus* deste estudo, em continuidade, é composto por sequências discursivas (SD) de três (3) reportagens publicadas por agências de notícias, tendo como critérios de seleção: ter sede no Brasil; ser em Língua Portuguesa e ter como temática a condição de vida da população *gay* afegã, após a tomada do poder pelo Talibã, em 2021. Nesse sentido, as reportagens selecionadas foram: 1. *Bacha Bazi: a prática do abuso sexual de meninos no Afeganistão*; 2. *Afegão gay relata terror sob regime do Talibã: “Estou tentando sobreviver”* e 3. *Prazer entre homens é prática comum entre os Talibãs*.

É importante evidenciar que a construção do *corpus* e da análise estão intimamente ligados, decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas (Orlandi, 2009). Desse modo, as reportagens delimitaram quais as noções relevantes para a construção da análise, em um movimento de vai-e-vem entre teoria e prática analítica. É profícuo sublinhar que a mídia abordou o tema a partir de diferentes posições-sujeito que, por vezes, se unificam e se reduzem. Neste estudo, nos atemos apenas à posição-sujeito do homem *gay* afegão. Ao utilizar a preposição “no” (e não “do”) em referência ao Brasil, estamos nos referindo à mídia que tem sede no país, não necessariamente aquela que nasceu em território brasileiro.

Entendendo que o contexto de tomada de poder pelo Talibã – conhecidamente um grupo de interpretação fundamentalista do Alcorão, livro base do islamismo –, implica maiores repressões para as populações não-heteronormativas, este estudo analisou o imaginário sobre essa população, que se criam através

de posições-sujeito silenciadas, entrecruzadas por discursos de resistência, no entremeio de diferentes formações discursivas e produtoras de efeitos de sentidos díspares sobre modos alternativos de existência. Organizando essas discussões, apresentamos a seguir: os pressupostos teóricos, o contexto, as formações discursivas, as condições de produção do discurso, a análise das reportagens, as considerações finais e as referências.

## **| Nosso dispositivo teórico**

Esta pesquisa se alicerça na Análise de Discurso Materialista de base Pecheuxtiana, que nasceu nos anos 60, com a Análise Automática do Discurso (AAD). No percurso histórico da AD, diferentes noções teóricas foram desenvolvidas, como a de formações discursivas, que define “o que pode e o que deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (Haroche; Henry; Pêcheux, 2007, p. 26). As formações discursivas são a materialização na língua das formações ideológicas, que são compreendidas por Pêcheux (1995) como um conjunto complexo de elementos (da ordem ideológica) capazes de intervir como uma força em confronto com outras na conjuntura ideológica de uma determinada formação social.

Nesta pesquisa, vemos funcionar duas formações discursivas que se destacam: a islâmica e a não islâmica, o que implica entender que os discursos produzidos por islâmicos fabricarão efeitos de sentido desiguais entre os não islâmicos. É preciso assinalar também que, ao selecionar a temática, a mídia jornalística indica pautas que interessam ser apresentadas, retirando-as do silêncio e indicando a pluralidade de formações discursivas destes grupos.

As FD estão estritamente ligadas às condições de produção do discurso (CP) que podemos considerar “em sentido estrito e temos as circunstâncias de enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (Orlandi, 2009, p. 30).

Courtine (2009) aponta que a origem da noção de CP é de três ordens: primeiramente, a *análise de conteúdo* praticada em psicologia social que assume explicitamente como objeto de análise as “condições de produção dos textos”; uma segunda origem seria a *sociolinguística* e tratar-se-ia de uma origem indireta, pois visa a colocar em evidência o caráter sistemático da covariância de estruturas linguísticas e sociais e, eventualmente, a estabelecer uma relação de causa e efeito, admitindo como variáveis sociológicas o estado social do emissor, o estado social do destinatário, as condições sociais da

situação de comunicação e os objetivos do pesquisador; e no texto de Z. Harris (1952), *Discourse Analysis*, se situa a terceira origem dessa noção, uma origem implícita, uma vez que o termo não aparece *ipsis litteris* no artigo, mas se encontra o termo *situação*, posto em correlação com o de discurso.

Orlandi (2009, p. 30) esclarece que as CP “empreendem fundamentalmente os sujeitos e situações. Também a memória faz parte da produção do discurso”. A memória é definida “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (Orlandi, 2009, p. 31). Estas noções, em AD, nos indicam a possibilidade de análise do imaginário de diferentes populações e de como essas populações produzem sentidos sobre ser e existir, a partir de um efeito de evidência, uma ilusão referencial capaz de determinar transformações sociais e de constituir práticas (Orlandi, 1994). O imaginário é o fator histórico e ideológico, que resulta nas formas de significar, assim:

[...] embora a condição do significar seja o imaginário – do sujeito e do sentido – para a análise de discurso há real [...]. É nessa relação do imaginário com o real que podemos apreender a especificidade da materialidade do silêncio, sua opacidade, seu trabalho no processo de significação (Orlandi, 2007, p. 16).

A autora afirma ainda que está localizada neste lugar a grande contribuição da AD, de observar os modos de construção do imaginário necessário na produção dos sentidos (Orlandi, 2007). “Por não negar a eficácia material do imaginário, ela torna visíveis os processos da construção desse um que, ainda que imaginário, é necessário e nos indica os modos de existência e de relação com o múltiplo” (Orlandi, 2007, p. 18). Isso indica que os jornalistas autores das reportagens ocupam uma posição-sujeito, compreendida como a relação de identificação dada a partir de um processo de interpelação ideológica (Pêcheux, 1995), e produzem discursos e sentidos coletivos a partir de uma posição-sujeito jornalista.

Entendendo que “o analista de discurso relaciona a linguagem com sua exterioridade” (Orlandi, 2009, p. 16), eleva-se o fator histórico, o ideológico, os discursos que se atravessam e formam diferentes ordens discursivas. Essa historicidade e relação entre diferentes FD nos levam à noção de interdiscurso, que é definido como “o conjunto, o todo, à dominante, das formações discursivas. O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. [...] Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator” (Orlandi, 2007, p. 87).

Para mais, “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em sua situação discursiva dada” (Orlandi, 2009, p. 24). Mas além do que pode ser dito, existe a não possibilidade de dizer, o silêncio, que também significa, “pensar o silêncio [nesse sentido] é pensar a solidão do sujeito em face dos sentidos, ou melhor, é pensar a história solitária do sujeito em face dos sentidos [...]. Todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer” (Orlandi, 2007, p. 48).

Orlandi (2007) organiza as diferentes formas de silêncio que se apresentam como noções à AD. A primeira forma de silêncio é o fundante, aquele que já existe nas palavras como condição de significar, a segunda forma é a política do silêncio (quando se diz ‘x’, para não se dizer ‘y’), que se divide em outras duas: o silêncio constitutivo (para dizer é preciso não dizer) e o silêncio local (quando existe uma censura de dizeres em determinados locais).

Interessa pensar, além disso, a noção de mídia, que se configura como um conjunto de diversos meios de comunicação. A mídia jornalística se desenvolve, neste contexto, com a ideia de imprensa (ocidental) institucionalizada que é engendrada por sujeitos e FD que se afetam por memórias e ideologias (Mariani, 1999). Nesse sentido, “comunicar/informar/noticiar (na imprensa) são atos resultantes de um controle exterior, vindo do Estado e do sistema jurídico por um lado, e, por outro, de um controle internalizado na própria atividade jornalística” (Mariani, 1999, p. 53). Assim, imprensa/jornalismo profissional é constituída por instituições, sujeitos e discursos.

“É mister ressaltar que os meios de comunicação, como o radiojornalismo, telejornalismo, jornalismo impresso ou jornalismo de internet (portal) exigem estratégias discursivas e abordagens distintas para persuadir e despertar sentidos no interlocutor/leitor” (Sousa, 2012, p. 929). Salienta-se, nesse sentido, que as reportagens selecionadas para esta pesquisa se organizam através de portais de internet gratuitos e de amplo alcance nacional e que podem representar o imaginário sobre os *gays* afegãos. Desse modo, expostas as noções que constituem nosso dispositivo teórico, nos lançamos à análise de nosso material.

## **| Afeganistão: religião, lei, homossexualidade e (con)tradições**

O Afeganistão é um país do Oriente Médio e juntamente com outros países, como Paquistão, Irã e Iraque, concentra a maior parte da comunidade islâmica do mundo. O Islamismo é a mais moderna das religiões abraâmicas – quando a origem é reconhecidamente em Abraão, o primeiro monoteísta –, sendo

antecedida pelo Judaísmo e pelo Cristianismo. Religiões estas que nascem do mesmo berço geográfico, cultural e teológico, que têm em comum a regência da conduta ética e moral de seus fiéis, mas seguem linhas interpretativas diferentes sobre textos sagrados (Torá, Bíblia e Alcorão).

A religião islâmica, conforme Santos (2011), nasce entre 620 e 622 d.C., com o profeta Mohammed (Maomé) e, após sua morte em 632, vai ganhando força com o fulcro do Corão, livro composto por 114 capítulos chamados de *suratas*, que foram escritos durante 23 anos tendo como esteio as falas do profeta, que foi o escolhido por Alá (Deus) para receber os ensinamentos divinos, dispendo do intermédio do anjo Gabriel – o mesmo da bíblia cristã. São chamados de muçulmanos todos aqueles que se convertem ao islamismo, que adoram somente a Alá e que têm como seu principal mensageiro o profeta Mohammed.

No que tange à organização das relações afetivas e sexuais, o Islã, de maneira geral, compreende a prática heterossexual como a natural e a homossexual como a não-natural ou o pecado. No sétimo capítulo do Alcorão, intitulado de *AL'ARAF*, existe uma referência a relações que não se caracterizam como heterossexuais, que transita pelo relato da passagem do profeta Lot pela cidade de Sodoma: “E (enviamos) Lot, que disse ao seu povo: cometeis abominação como ninguém no mundo jamais cometeu antes de vós, acercando-vos licenciosamente dos homens, em vez das mulheres. Realmente sois um povo transgressor” (Alcorão, 7:80/81).

O Talibã, nesse contexto, é um grupo tradicionalmente mais rigoroso quanto ao cumprimento da *Sharia*, que é o instrumento responsável para indicar o caminho para a verdade e a justiça, através do Corão e da *Suna*, correspondendo à própria lei islâmica, ao local que se fornece a jurisprudência, estando nos textos sagrados a legislação. O grupo, em seu discurso oficial, encara a posição-sujeito *gay*, a partir de uma leitura extrema do Corão, sendo esse o principal impacto do Talibã sobre essa minoria no Afeganistão. Freitas (2009, p. 9) faz um resumo da ascensão dos Talibãs e do que eles representam e diz:

[...] em outubro de 1994, os Talibãs tomaram Kandahar quase sem resistência. [...] Anunciaram que a missão deles era libertar o Afeganistão da liderança corrupta e criar uma sociedade conforme o islão. Simultaneamente emitiram decretos pelos quais era exigido aos homens que usassem barba, cabelo curto e turbante e às mulheres que usassem burcas. As mulheres foram igualmente proibidas de trabalhar dado que “[...] a sua responsabilidade era a de criar a próxima geração de muçulmanos.” (Marsden, 2002, p. 68). Alguns decretos baniram a música, os jogos e qualquer representação da forma humana.

Além dessa posição dos Talibãs, interessa perceber como os sujeitos se filiam a esses discursos, mas como algo escapa, e é nesse momento que há a filiação às práticas homossexuais/afetivas relatadas por autores que se inserem em diferentes posições-sujeito, inclusive dentro do Talibã. Santos (2022, p. 69) salienta que “o fato de as pessoas LGBTQ+ não se enquadrarem no padrão da heteronormatividade e cisonormatividade promove a reprovação social e a violência”, colocando-os no lugar de banimento.

A sexualidade é compreendida por Foucault (1988) como um dispositivo discursivo de poder estruturado mediante dispositivos de aliança que dizem o que é comum ou incomum, natural ou antinatural. Assim, o discurso religioso e o discurso sobre a sexualidade se imbricam. Tudo que foge à *heterocisonormatividade* e ao que é socialmente esperado deve ser perseguido, escondido e/ou eliminado. Discursos sobre o sexo como reprodução se ancoram na religião e ganham lugar no imaginário que circula a partir do discurso público e, assim, controlam e disciplinam corpos via biopoder<sup>4</sup>.

Mediante essa análise, falar de sexualidade desviante é falar também de discurso religioso como aquele que regula os comportamentos sexuais. Quando um grupo religioso ganha uma posição de governança estatal há, ainda, uma “polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (Foucault, 1988, p. 27). Aqui os discursos de líderes religiosos-estatais em consonância com discursos públicos moldam o imaginário.

A sexualidade hierarquiza sujeitos à medida que o homem não heteronormativo passa a ser significado pelos sentidos de indecência, imoralidade, libertinagem, repugnância, do funesto etc. Este homem é considerado menor, tecnicamente inútil, descartável, sob o qual a perversidade pode incidir. Butler (2006) nos direciona às performances de masculino e feminino e dos comportamentos esperados para ambos os gêneros que, desde criança, devem performar conforme o imaginário sobre o que é ser homem ou mulher. No caso do homem islâmico afegão: casar e ter filhos.

Piazza (1991) explica que os fundamentos da fé islâmica são a crença em um único Deus (Alá) e no Corão como livro sagrado. Os cinco pilares do islamismo que orientam a prática religiosa dos muçulmanos são: a fé (*Shahada*), a oração (*Salat*), o jejum (*Sawm*), a caridade (*Zakat*) e a peregrinação à Meca (*Hajj*). O

---

4 O biopoder, em relação ao que diz Foucault (1988), é uma maneira de regular a vida através de políticas, normas e práticas que influenciam aspectos como saúde, reprodução, sexualidade, mortalidade, migração, entre outros.



discurso religioso é importante, pois aponta para a análise de uma conjuntura complexa, entre sujeitos, instituições e entidades superiores. Além disso, o discurso religioso é aquele que faz ouvir a voz de Deus ou de seus enviados (profeta, pastor, padre) e que toma um ar de autoritarismo e irreversibilidade não dialógica tendo em vista que se professa em nome de Deus, sendo inquestionável (Orlandi, 1996).

A cientista da religião Keila Matos (2010) sustenta que a sociedade islâmica é complexa e que, por isso, precisa ser analisada pelo olhar de diferentes disciplinas. Entre cultura<sup>5</sup>, religião e sexualidade, a sociedade afegã é, certamente, muito mais diversa do que poderíamos descrever neste curto espaço que se apresenta apenas como índice de contextualização para que possamos conseguir entender as CP do discurso islâmico sobre a posição-sujeito do homem *gay* afegão.

## **| As formações discursivas e as condições de produção de quem noticia e de quem é a notícia**

Ao entender que “as formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas” (Orlandi, 2006, p. 15), é preciso pensar que os veículos de comunicação no Brasil também se inscrevem em FD diversas. Com a insurgência de políticas de (extrema) direita no Brasil, por exemplo, as agências de notícia foram fortemente divididas entre as que se posicionam em favor de discursos defendidos pelo antigo governo Bolsonaro, e as que se mantiveram em uma posição crítica, o que corrobora o ponto de que uma pretensa neutralidade na imprensa inexistente.

Um fato interessante e que pode demonstrar essa realidade é que nenhuma reportagem sobre a comunidade *gay* afegã foi veiculada por um importante *site* de notícias do Brasil, o portal R7, da Rede Record, que pertence ao Bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). O grupo Record já recebeu críticas<sup>6</sup> por silenciar temáticas LGBTQIAPN+, o que pode indicar a

---

5 Geertz (1989) entende cultura como um padrão de significados que são transmitidos historicamente, ao serem alicerçados em sistemas de ideias e símbolos, criam um *Ethos* coletivo mediante o compartilhamento de saberes.

6 Santos (2013) faz uma análise de uma reportagem que foi veiculada inicialmente no programa Domingo Espetacular da Rede Record criticando a exibição da série “O canto da Sereia” produzida pela Rede Globo com argumentos de que a série faz ‘apologia’ ao Candomblé, à bissexualidade e a preceitos não cristãos. Em referência ao campo jornalístico da emissora, Santos (2013, p. 71) afirma que “o artigo 6º do [Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros] diz que é dever do jornalista ‘combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza’. O que a matéria da Record faz é exatamente o contrário”. O trecho referido serve para indicar como a FD religiosa atravessa a grupo midiático enquanto instituição jornalística.

filiação a uma FD dita conservadora, já institucionalizadas. Mariani (1999, p. 49) afirma que “uma instituição, ao constituir-se, encontra-se regulada por uma formação discursiva dominante, na qual se configuram as fronteiras sempre móveis da produção de sentidos”.

Fatima e Mariani (2017), no artigo intitulado “Corpos inatingíveis: uma análise do discurso da mídia religiosa sobre os corpos não-heterossexuais”, fazem uma análise sobre como o *Jornal Folha Universal* – da IURD – representa os *corpos desviados*, ou não-heterossexuais. No estudo, afirma-se: “o lugar da homossexualidade, por exemplo, nessa narrativa, é um não-lugar. As sexualidades desviantes não fazem sentido nessa discursividade, pois através delas não há procriação” (Fatima; Mariani, 2017, p. 5).

Conforme Orlandi (2009, p. 43), a leitura não é transparente, “as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam, no discurso as formações ideológicas”, assim, o discurso é socio-histórico, é efeito de sentido entre locutores.

Ao veicular reportagens sobre *gays* afegãos, as agências de notícias selecionadas, compostas por jornalistas profissionais, tiram do silêncio essa posição-sujeito. Isso significa que as agências se filiam a formações ideológicas que assumem a relevância dos direitos humanos, mas, também, que selecionam pautas com base naquilo que os leitores consomem, numa relação direta com os nichos de mercado. Entendendo que as FD limitam o que pode e o que não pode ser dito, ambas as instâncias significam, tanto os discursos quanto os silêncios por eles atravessados.

Além disso, é importante dizer que “o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo de múltiplas formações discursivas” (Orlandi, 2007, p. 20). Isso significa apontar que não somente no Brasil existem formações discursivas diferentes, no Afeganistão também. Os sunitas e os xiitas, por exemplo, compõem duas comunidades que apresentam interpretações diferentes do Alcorão e que, portanto, se localizam em FI que se materializam em FD diferentes.

É preciso considerar o momento histórico que a publicação se realiza, marcadamente após a tomada de poder pelo Talibã no Afeganistão. O Talibã ficou famoso em 1996, quando expulsou definitivamente os soviéticos do Afeganistão, por uma questão predominantemente religiosa e, posteriormente,

entrou em conflito com os Estados Unidos, envolvendo-se no atentado de 11 de setembro de 2001, em que foram mortos mais de três mil civis nas torres gêmeas em *New York*. No mesmo ano, os Estados Unidos declararam guerra ao Afeganistão e os Talibãs foram mortos ou ficaram refugiados nas montanhas.

Após 20 anos, em 2021, os americanos saíram do país e os Talibãs colocaram-se como líderes, conquistando novamente o Afeganistão. Conforme análise, no Afeganistão não existe a possibilidade de significação de uma existência fora do padrão estabelecido pela lei islâmica. Assim, existe pouca brecha para a existência do *gay* afeminado assumido que tem uma relação homoafetiva e que decide não se casar com uma mulher e ter filhos.

Dessa maneira, o limite da existência do *gay* afegão é o limite do silêncio. Não se diz que homens são *gays* abertamente, diz-se que eles “brincam entre meninos” ou que “tem prazer entre homens”. Há uma ordem de apagamento da palavra “*gay*” porque a FD não permite essa expressão. Proíbem-se certas palavras para que sentidos sejam proibidos, para que uma posição-sujeito seja ocultada e invalidada. O silêncio produz a marginalização, mas não a inexistência de homens *gays* afegãos, assim “o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos ‘lugares’, ou melhor, proíbem-se certas ‘posições’ do sujeito” (Orlandi, 2007, p. 76).

Ao afirmar que “o sujeito na análise de discurso não é o sujeito empírico, mas a posição-sujeito projetada no discurso” (Orlandi, 2006, p. 15), a autora destaca a necessidade de análise das diferentes posições-sujeito envolvidas nas reportagens. A primeira posição-sujeito é a de quem produz a notícia (autor). A segunda posição-sujeito é a de quem recebe a mensagem (leitor), sendo importante sublinhar que, por ser de âmbito nacional, existe uma enorme heterogeneidade nesse leitor. O que os une é, sobretudo, a nacionalidade, a língua, as condições de recepção desse discurso.

Uma questão que precisa ser referida é que o Brasil, como boa parte do mundo, dispõe de uma comunidade islâmica, de brasileiros que se converteram ao islamismo e muçulmanos imigrantes, inclusive parte da comunidade *gay*. Para analisar as CP da notícia é preciso pensar no contexto imediato correspondente ao sujeito autor da notícia e em seu interlocutor imediato, ou seja, para quem se produz a notícia: o leitor.

Nesse sentido, os *sites* em que as reportagens estão veiculadas têm sede no Brasil e estas foram publicadas (ou traduzidas) por jornalistas brasileiros, para o público brasileiro. Nesse contexto, importa entender que, embora laico, o Brasil

é um país hegemonicamente cristão e, nesse sentido, produz um imaginário sobre ser *gay* e coloca em funcionamento esse imaginário.

Estatisticamente, o Brasil é o país que mais mata a população *gay* em todo o mundo. Todavia, na contramão desta violência, grupos militantes vêm combatendo o discurso homofóbico em diversos movimentos políticos e sociais de resistência, que resultaram em avanços para esta comunidade no país, como a legalização do casamento *gay*. Isso indica que esta sociedade dispõe de CP, FD e FI específicas, que produzem memórias, discursos e o imaginário. Todos estes fatores acarretam memórias e formas de significar diferentes sobre a existência da comunidade *gay*.

Na seção *Entendendo o Afeganistão: religião, lei, homossexualidade e (con) tradições*, já foi realizada uma análise breve sobre as CP de ser um homem *gay* no Afeganistão. Para mais, importa reforçar que não existe uma unidade no discurso sobre ser homoafetivo/sexual, ao contrário, percebem-se contradições e interpretações diversas sobre o tema, por isso, nos ativemos às interpretações que se vinculam ao Talibã em 2021. Essa análise se faz necessária para entender a conjuntura na qual os discursos de *gays* afegãos foram construídos e como eles se engendram aos relatos sobre práticas homossexuais e/ou homoafetivas entre os Talibãs.

## **| Análise da reportagem um (1): “*Bacha Bazi*: a prática do abuso sexual de meninos no Afeganistão”**

A primeira reportagem analisada neste estudo foi publicada no dia 22 de agosto de 2021, logo após a evasão americana do Afeganistão. A agência de notícias de veiculação se intitula Metrôpoles, um jornal *online* brasileiro fundado em 8 de setembro de 2015, de acesso gratuito e com equipe de quase 200 profissionais baseados em Brasília, o veículo tornou-se a fonte de informação mais acessada do Distrito Federal, estando entre os 10 maiores *sites* de notícia do país.

A seção em que foi veiculada a reportagem intitula-se *Guia Gay* e está destinada a fornecer “sugestões de turismo, entretenimento, moda e cultura de todos os gostos para o público *gay*” (Metrôpoles, 2021). As condições de distribuição da mensagem são muito importantes por revelarem a qual público estão destinadas essas reportagens. Este é o contexto imediato das CP de quem dá a notícia. O que nos dá base para analisar a primeira sequência discursiva, que diz:

SD1: “Famílias pobres vendem jovens para serem vestidos de mulher e estuprados por homens poderosos. Há uma semana o grupo extremista

Tabilã retomou o controle do Afeganistão e a violência com que *gays* são tratados por lá voltou a ser notícia no mundo. O fato deu visibilidade inclusive à prática desumana do “Bacha Bazi” (ou “brincadeira com garotos”). Trata-se o sequestro, estupro e escravização de crianças e adolescentes *gays* e héteros por homens, sobretudo, ricos ou de alta patente militar” (Metrópolis, 2021).

O primeiro fator a ser observado é de que “todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos [...] o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia” (Orlandi, 2009, p. 38). Na FD a partir da qual se produz o discurso do *Bacha Bazi*, existem modos de viver que são diferentes dos praticados no Ocidente e que produzem sentidos díspares. Ao nomear o *Bacha Bazi* como “sequestro”, “estupro”, “escravização”, os jornalistas produzem sentidos diferentes<sup>7</sup> dos originalmente propostos pelos afegãos e que manifestam ideologias contrárias à prática.

Em seguida, para reforçar sua posição contrária, a reportagem cita o documentário *The Dancing Boys of Afghanistan* (2010), que mostra a chamada “dança de garotos”, em que crianças e adolescentes são postos para se exibirem, vestidos de mulher e maquiados, para grupos de homens. Essa prática é relativamente comum e costuma reunir dezenas de homens ao redor de uma criança ou adolescente para aliciamento. Apesar de essa ser uma atividade ilegal no país desde 2017, é pouco punida, pois existe uma cultura de silêncio que se justifica pela necessidade de prazer masculino (Essar, 2021). Essar (2021, p. 119, tradução própria) indica que conforme dados da Afghanistan Independent Human Rights Committee (AIHRC), até 2014, “25% dos perpetradores de Bacha Bazi tinham entre idades de 21-30 anos, 28% entre 31 e 40 anos e outros 28% entre 41 e 40 anos. 50 anos (AIHRC, 2014). O analfabetismo era comum entre os perpetradores e 78% deles eram casados”.

Uma sequência discursiva muito impactante para compreender esta lógica de abusos está no documentário *This is What Winning Looks Like* (2013) e foi proferida por um general do exército Afegão, quando foi questionado sobre as relações sexuais dos soldados com crianças, ele diz, em referência aos soldados: SD2 – “Se eles não fodem os traseiros daqueles meninos, o que eles devem foder? As bucetas das próprias avós?”. Esse tipo de comportamento não pode ser confundido com relações consensuais entre dois homens adultos (Essar, 2021).

---

<sup>7</sup> Isso significa que existe um olhar estrangeiro, do outro, do Brasil sobre o Afeganistão ou do Ocidente para o Oriente. Desse modo, “o ponto de vista cria o objeto’, ou, ainda, [...] há diferentes visões e todas essas visões constroem discursivamente o objeto do qual falamos” (França, 2017, p. 86).

Essa frase apresenta-se como uma justificativa, uma memória sobre essa prática, um interdiscurso, e remonta à posição de afastamento e castidade entre homens e mulheres afegãos, em que homens só têm contato com mulheres após o casamento e justificam essa postura pedófila (nos termos da reportagem) pela “necessidade masculina” de atividade sexual, fornecendo um indício de que “o sujeito ao significar se significa” (Orlandi, 2009, p. 37). Existem dois discursos que convergem: o de respeito à religião islâmica, que condena toda a atividade sexual fora do casamento e o de necessidade sexual masculina, que se reveste por um discurso machista.

É fundamental dizer que essas práticas não são hegemônicas, nem autorizadas, elas existem de forma controversa e marcadas por diferentes formas de silêncio. A primeira forma de silêncio, muito marcante, é o silêncio fundante que “é aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar” (Orlandi, 2007, p. 24).

A expressão *Bacha Bazi*, por exemplo, pode ser entendida como um modo de significar um conjunto de práticas que são silenciadas. Ao nomear a atitude como brincadeira e não como violência, esconde-se o estupro, a escravização, esconde-se a pedofilia. Isso nos indica que “todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer” (Orlandi, 2007, p. 12), mascara-se toda uma violência em uma palavra.

Percebe-se um entrelaçamento das formas de silêncio. Nesse sentido, ao se dizer *Bacha Bazi*, “se obriga a dizer ‘x’ para não dizer ‘y’” (Orlandi, 2007, p. 81), o que caracteriza uma política do silêncio. Interpreta-se que parte do povo afegão exerce uma cultura que, aparentemente, pune o homem *gay* assumido e que não pretende exercer outra forma de sexualidade que não a heterossexual, mas, ao mesmo tempo é permissiva, ou faz vista grossa, a atividades sexuais secretas que sejam manifestadas em condições privativas, que não exponham estes homens à sociedade conservadora.

A reportagem sugere que o Alcorão define as formas de se comportar socialmente. Que homens devem se casar com mulheres e terem filhos, não seguir esse caminho é sair do caminho que Alá traçou, essa é a forma hegemônica de existência, outras formas serão sempre marginais.

Importa destacar que, ao dizer que só pode existir um modelo de sexualidade (x = heterossexual) e não dizer a possibilidade de existência de outros modos de sexualidade (y = LGBTQIAPN+), apagam-se outras formas de existir. Tanto

a brincadeira com meninos quanto o prazer entre homens (como veremos a seguir) refletem uma política linguística de apagamentos e silenciamentos sobre outras formas de existência e de significação humana. Desse modo, o silêncio constitutivo se apresenta, pois “indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente ‘outras’ palavras)” (Orlandi, 2007, p. 24).

Além disso, outra forma de silêncio evidente nessa conjuntura é o silêncio local que, conforme Orlandi (2007, p. 24), “se refere à censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura”. Fica posto que, se um afegão disser “eu sou *gay*”, ele deverá sofrer, na conjuntura afegã atual, consequências tão arrebatadoras que não se torna uma escolha exercer esse tipo de sexualidade. É neste sentido que o silêncio local se exerce, na impossibilidade de manifestação linguística de uma posição-sujeito que precisa se velar para existir, e existe, mesmo às margens.

Sublinha-se que esta análise não se pretende uniformizadora de toda uma sociedade, evidenciando-se apenas como as sexualidades de diferentes grupos afegãos se realizam. Essa prática existe e precisa ser analisada, mas isso não significa dizer que todo homem afegão, seja ele hétero, *gay* ou bissexual é adepto do *Bacha Bazi*. Deve-se apontar que há um imaginário sobre as práticas sexuais masculinas e que o *Bacha Bazi* é uma das produções discursivas que circulam nesse imaginário, mas não se reduz a ele.

Igualmente, é importante lembrar que a pedofilia (nos termos da reportagem) não se exerce apenas com meninos, as meninas afegãs são obrigadas a casar, muitas vezes, com menos de dez anos de idade. O *Bacha Bazi* é um traço de uma CP que naturaliza o crescimento precoce de crianças e que, nesse sentido, as violenta, humilha e silencia. Destaca-se, em relação às reportagens, que é perigoso vincular esta prática violenta à condição homossexual, o que pode produzir ainda mais preconceito, seja homofóbico ou islamofóbico.

Essa compra, aluguel, escravização, para parte dos afegãos é um símbolo de ostentação, significa que o escravizador é um homem de poder. Alguns homens que exercem poder de chefia, como generais do exército, por vezes, realizam essas “compras”, naturalizando essa atividade sexual pedófila, nos termos da reportagem. Essa leitura é possível a partir de uma FD/FI diferente dos praticantes do *Bacha Bazi*, – como o general afegão supracitado – o que nos faz produzir efeitos de sentido outros.

## **| Análise da reportagem dois (2): Afegão gay relata terror sob regime do Talibã: “Estou tentando sobreviver”**

Inaugurado em 15 de março de 2020, a CNN Brasil é uma filial do canal de televisão por assinatura americano *Cable News Network* – CNN, fundado em 1980. Em tradução para o Português, o nome do canal significa Rede de Notícias a Cabo, o que é importante por ser a primeira rede de notícias norte-americana com programação inteiramente voltada para o jornalismo profissional que, atualmente, se expande em diferentes veículos de notícia. A publicação foi escrita, originalmente em Inglês, por Faith Karimi, editora de redação da CNN Digital, e traduzida e publicada no canal da CNN Brasil em 10 de outubro de 2021.

A reportagem se constitui em forma de um relato de experiência, através de conversas por aplicativos de mensagens, na qual um homem *gay* afegão, com o apoio de ativistas dos direitos LGBTQIAPN+, se esconde e tenta fugir do Afeganistão após a tomada de poder pelo Talibã. A fuga se dá pelo medo do homem de ser assassinado pelo grupo radical. Nesse sentido, na sequência discursiva três (SD3), diz-se que:

SD3: “eles vão nos decapitar ou nos matar da maneira mais brutal”, disse o irmão mais velho à CNN. “Eles são mestres nisso.” [...] Para proteger sua segurança, a CNN está identificando-o apenas como Ahmed – não com seu nome verdadeiro. [...] Os dias no porão se transformaram em semanas cheias de medo e isolamento (CNN, 2021).

Na SD3, é fundamental que algumas questões sejam analisadas. Ao trazer um discurso direto, do *gay* afegão falando sobre o que é ser *gay* no Afeganistão sob o comando do Talibã, a reportagem busca trazer credibilidade ao relato. O relato do homem *gay* afegão se apresenta como um argumento de autoridade sobre esta posição-sujeito, assim, “ao falar o sujeito se divide: as suas falas são também as palavras dos outros” (Orlandi, 2007, p. 78).

Além disso, ao observarmos esse dizer, importa perceber, conforme indica Orlandi (2007, p. 34), que “um homem em silêncio é um homem sem sentido. Então o homem abre mão do risco de significação da sua ameaça e se preenche: fala”, mesmo que esse preenchimento signifique um risco de ser apanhado ou morto. Sair do silêncio significa sair de um não-ser para ocupar um espaço em um discurso.

As memórias, portanto, começam a construir um imaginário no entremeio de FD ocidentais e orientais que significam o homem *gay* neste local, mesmo que este



homem não seja identificado, ele retoma uma memória do imaginário ocidental, que não se sabe a origem tendo em vista que “no domínio da memória ressoa uma voz sem nome” (Orlandi, 2007, p. 88). Existem memórias que materializam interdiscursos sobre as violências sofridas por essas comunidades com o avanço do Talibã.

Ao escolher falar sobre o tema do ponto de vista de quem sofre retaliações, em um espaço que estava em silêncio, toma-se uma posição revestida de ideologia. Ao optar pela fala, pelo pedido de socorro, mesmo que com uma identidade não revelada, existe um discurso de resistência dessa comunidade, esse modo de discursivizar “é uma forma de sair do silêncio definido pela censura e que significa sua falta de liberdade de agir sobre o real, resultando na impossibilidade de criticar, de discordar, em suma, na impossibilidade de dizer certos sentidos” (Orlandi, 2007, p. 82).

Existe uma diferença entre os discursos de resistência que são proferidos dentro e fora do Afeganistão. Os afegãos refugiados falam e se posicionam de modo mais aberto, se identificando, pois estão sob outras CP que possibilitam essa postura. Mas, independentemente das condições imediatas de produção discursiva, existem sequências discursivas constitutivas de uma identidade coletiva em que um dizer puxa outros<sup>8</sup>.

Ao não identificar este homem, a reportagem dá o tom de perigo que ele corre. Marca-se a maior restrição à existência da comunidade *gay* no Afeganistão, e caso estes homens se manifestem podem ser mortos (“*eles vão nos decapitar ou nos matar da maneira mais brutal*”). É importante destacar que, para a análise de discurso, o termo posição-sujeito marca o sujeito e sua experiência na relação com o múltiplo, com posições-sujeito semelhantes e diferentes, ou seja, o discurso está na relação entre interlocutores e suas FD, dessa maneira, é desenhado o imaginário e são (re)atualizadas memórias sobre ser *gay* afegão pós-Talibã, pela mídia no Brasil.

Para Pêcheux (1969, p. 79), “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência discursiva fechada em si mesma, mas que é necessário retirá-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”. Nesse sentido, ao analisarmos o discurso do homem *gay* afegão sobre ser *gay* no Afeganistão, é preciso que sejam relacionados fatores como historicidade e exterioridade. Nessa articulação, ao

---

<sup>8</sup> Entendendo que “não há uma essência do sentido. Ele é sempre uma relação que tem a ver com o conjunto de formações discursivas” (Orlandi, 2006, p. 18).

dizer que pode ser morto de maneira brutal faz-se referência à aplicação da *sharia* e à memória sobre o tratamento do Talibã com os gays.

Além disso, a posição (empírica) deste sujeito é simbólica e também significa. Ao afirmar que se esconde no porão, que precisa ficar em silêncio, em um local escuro, sem ser visto ou lembrado, este sujeito constrói um imaginário sobre a posição de não visibilidade de toda uma comunidade, que precisa ser colocada em uma condição física e imaginária de inferioridade, do que não serve, que não pode circular. Metaforicamente, este porão pode simbolizar o espaço mental onde estão guardados pensamentos e recordações que se quer esconder. Assim, tomar esse discurso como formulado por uma posição-sujeito *gay* afegão nos permite compreender a representação de toda uma comunidade que se insere nestas mesmas condições sub-humanas de sobrevivência.

Em conformidade a isso, Pêcheux (1969, p. 77) afirma que “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. Nesse sentido, as sequências discursivas devem ser observadas conforme as CP como, por exemplo, do repórter estrangeiro que fala sobre algo. Na SD4, é interessante perceber o imaginário ocidental criado sobre o Talibã através das minorias afegãs. Como vimos anteriormente, o Talibã esteve relacionado a atentados terroristas e exerce uma interpretação fundamentalista do Corão. Existe um interdiscurso que produz uma memória sobre a postura do Talibã perante esses grupos, como é possível observar a seguir.

SD4: Às vezes, Ahmed se sentia tão desesperado que pensava em suicídio. [...] Era o início de agosto. O recém-encorajado Talibã estava assumindo o controle de cidades em todo o Afeganistão, e Ahmed podia sentir o terror no ar. [...] Em declarações públicas em julho, um juiz do Talibã disse que havia apenas duas punições para a homossexualidade – apedrejamento ou ser esmagado sob um muro derrubado.

Na primeira sentença da SD4, a repórter relata que Ahmed pensa em suicídio, sendo estes pensamentos o impacto sobre o tratamento do Talibã para com o grupo, constroem-se, dessa maneira, duas significações no imaginário. A primeira se refere aos impactos negativos que o grupo radical causa, que repercutem em diferentes instâncias, sejam políticas, jurídicas, físicas ou emocionais. A segunda é sobre essa posição-sujeito *gay* que sofre tanto ao ponto de preferir morrer a continuar vivendo nessa situação. Os discursos desenham o imaginário de horror, brutalidade, desumanidade e quebra dos Direitos Humanos vinculados ao Talibã e de sofrimento, medo e resistência, vinculados às minorias afetivas/sexuais.

Sobre o imaginário – que se forma através de CP, FD e interdiscursos –, fica perceptível na materialidade linguística a marcação de um campo semântico relacionado à/ao “morte”, “medo”, “isolamento”, “desesperado”, “suicídio”, “assassinato”, “terror”, “apedrejamento” e “esmagado”. Assim, “todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras” (Orlandi, 2007, p. 15), ao selecionar estas palavras, o sujeito na posição de jornalista, e diante da condição de produção do discurso no jornalismo, se filia a um ponto de vista contrário ao Talibã e às sociedades que oprimem a população *gay*.

### **| Análise da reportagem três (3): “Prazer entre homens é prática comum entre os Talibãs”**

A terceira e última reportagem a ser analisada neste estudo foi publicada pelo portal de notícias Uol (Universo Online), no dia 26 de agosto de 2021, pela jornalista Cristiane Ramalho. A empresa foi pioneira nas notícias *online* no país e é uma das cinco companhias que fazem parte do conglomerado de notícias do Grupo Folha. A reportagem se desenrola em modo de entrevista realizada com o jornalista, escritor e analista internacional da CNN Brasil, Lourival Sant’Anna, que mergulhou no universo do Talibã no Afeganistão com a publicação de vários livros sobre a temática.

Sendo uma autoridade no assunto, a voz de Lourival é trazida no sentido de falar a partir de uma posição-sujeito especialista, que vivencia e que pesquisa sobre o Talibã, sobre o Afeganistão e seus contornos culturais. Ao falar do funcionamento do Talibã enquanto organização, o jornalista manifesta uma série imaginária sobre a constituição desta instituição nesta sociedade.

SD5: “A mulher tem um papel de geração e criação dos filhos. Mas não existe afinidade entre marido e mulher. Afinidade é entre os homens.”  
“Nessas escolas – Talibã significa estudante –, eles ficavam separados das meninas, num ambiente dominado pela relação homossexual entre os professores e os alunos, algo que também é tradicional, sobretudo nas regiões mais isoladas do sul do Afeganistão, em que o prazer muitas vezes acontece entre homens adultos e adolescentes, meninos”.

Antes de falar da posição dos homens, o pesquisador fala sobre a posição da mulher nessa sociedade. Ele afirma que a mulher assume um papel de criação e geração de filhos. Essa afirmação precisa ser pensada na conjuntura do Talibã e, ainda assim, de modo não generalizante. Os Talibãs compõem uma pequena parcela da sociedade afegã, que é, certamente, bem mais complexa. Pode ser perigoso determinar que a mulher tem a função única de gerar e criar filhos.

Certamente, conforme o Corão, essas são funções muito importantes para as mulheres, mas que vêm sendo expandidas por elas, fazendo mudar aquilo que o Talibã diz, permitindo que parte das mulheres frequentem universidades em um movimento de resistência a esse discurso.

Pode ser temerária, também, há a generalização de que só existe afinidade entre os homens. Talvez seja interessante pensar que existe “afinidade” entre homens, afinidade essa que passeia por diferentes instâncias como as afetivas e as sexuais, mas que pode existir também entre homens e mulheres: generalizar, nesse contexto, é sempre fechar a possibilidade de sentidos outros. A reportagem não especifica o que seria e como se dá essa afinidade, mas em seguida dá destaque às relações de “prazer entre homens”. Ainda na SD5, o jornalista conta a história de constituição do Talibã e de como essas relações sexuais começaram a ser uma prática cultural constituída através do silêncio.

Ao afirmar que existiam relações sexuais entre homens adultos e entre homens adultos e adolescentes, o entrevistado remete aos primórdios do *Bacha Bazi* e de como a justificativa para a realização dessa prática é atravessada por memórias, histórias, interdiscursos. Os homens, ao se afastarem das mulheres e ficarem isolados até a hora do casamento, se veem autorizados a exercer atividades sexuais entre si tendo em vista que existe um discurso sobre uma necessidade masculina de praticar atos sexuais.

Essa é uma tradição e uma contradição muito clara do Talibã, mas que passa pelo imaginário sobre o que é ser homossexual em CP e FD diferentes. Para nós, ocidentais, o conceito de homossexualidade é diferente do conceito empreendido pelos afegãos, em especial para os Talibãs. Para eles, ser homossexual é um pecado que acarreta não casar e ter filhos com uma mulher. Para nós, ser homossexual/afetivo consiste na prática de atividades sexuais/afetivas entre pessoas do mesmo gênero. Esses diferentes sentidos produzidos podem ser vistos na sequência discursiva a seguir.

SD6: [...] isso não é chamado de homossexualidade – sou eu que estou chamando. Eu até evito essa palavra, eu tento falar mais “o prazer entre os homens”. Porque eles não veem dessa forma. Como eles são casados, e têm filhos, na sua própria visão eles não são homossexuais. Eles não cometem, assim, esse “pecado”. Porque eles consideram que não se casar, não ter filhos, é um pecado, e é proibido pelo islã. Mas como eles cumprem essa “obrigação religiosa”, digamos, não se veem como homossexuais. Aliás, eles punem, castigam duramente os homossexuais. E como explicar essa perseguição contra a comunidade LGBTQ? Não

seria uma contradição? Sim, mas eles não veem dessa forma. Primeiro, porque dificilmente eles falam sobre isso. Eles apenas praticam, em silêncio. Não diria que chega a ser um tabu, porque eles flertam com os homens, são explicitamente sedutores.

Nesta sequência discursiva, a posição-sujeito jornalista ganha destaque. Mais que isso, a posição jornalista, especialista e pesquisador do assunto é sublinhada no sentido de fornecer argumentos de autoridade sobre como são as práticas sexuais e afetivas de homens no Afeganistão. O jornalista deixa claro que a homossexualidade é um conceito ocidental para as atividades sexuais praticadas pelos afegãos; isso implica considerar que estes discursos precisam ser pensados dentro de diferentes FD para que possam gerar efeitos de sentidos não unificadores e que nos façam compreender diferenças culturais.

É preciso refletir, também, sobre a abertura que o jornalista oferece para a discussão do termo homossexualidade. Apesar de usar o termo homossexualidade, que pode ser entendido apenas como a condição do homem que faz sexo casual com outros homens, “prazer entre homens”, o jornalista fornece indícios de vínculos emocionais entre estes homens (“afinidade”), o que nos leva à ideia de homoafetividade. Contudo, ambas as atividades, sexuais e afetivas, se exercem no/pelo silêncio. Desse modo, é sugestionado o imaginário sobre ser homem *gay* afegão, que significa estar no silêncio, em suas diferentes facetas.

Novamente observa-se um atravessamento das formas de silêncio. Ao dizer “prazer entre homens” deixa-se de dizer homossexualidade, um movimento do silêncio constitutivo, bem como do silêncio local, quando em uma determinada CP são proibidos determinados dizeres, logo, “o silêncio faz parte da constituição do sujeito e do sentido” (Orlandi, 2007, p. 87).

A autora afirma, similarmente, que “o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio o sentido é” (Orlandi, 2007, p. 31), o que indica que a análise do silêncio passa pela análise das possibilidades de significar no entremeio de CP, FD, interdiscursos e memórias. O sentido se produz através do imaginário e vice-versa. Imaginário e sentido se constituem mutuamente.

## **| Considerações finais**

Este artigo objetivou compreender como se constitui o imaginário sobre a comunidade de homens *gays* afegãos pela mídia no Brasil em reportagens publicadas por diferentes agências de notícias após a tomada do Afeganistão pelo Talibã em 2021. Em vista disso, foram analisadas três (3) reportagens

publicadas por importantes agências de notícias no Brasil, sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso Materialista.

Ao analisarmos as FD, foi possível perceber que o ponto de vista define o objeto e que, nesse sentido, diferentes FD e FI determinam o que pode e o que não pode ser dito e, portanto, o que pode ou não existir. No que concerne às reportagens analisadas, sublinha-se a importância de analisar o que pode e o que não pode ser noticiado em determinadas agências de notícia, como destacamos sobre a Rede Record e, sendo noticiado, quais discursos são sublinhados sobre essa população.

Ao analisarmos as formações discursivas das populações não islâmicas, marcadamente a brasileira, destacamos os escapes de sentido possíveis que se fazem através da leitura estrangeira, que precisa ser observada no sentido de não disseminar preconceitos como homofobia e islamofobia. Ao analisarmos o *Bacha Bazi*, percebeu-se a necessidade de demarcar a sua não hegemonia nessa sociedade e, também, de analisar a sua ocorrência como prática que desumaniza, humilha e escraviza.

Nesse ínterim, destaca-se a relevância das reportagens e da imprensa diversificada em FI e FD no sentido de quebra do silêncio dessas temáticas no contexto afegão. Analisar as CP passa por compreender uma lógica discursiva que é diferente e que por esse motivo faz significar de modos diferentes. Com efeito, foi possível observar que a interdiscursividade é fator que atravessa diferentes conjunturas e que corrobora a produção de discursos da mídia no Brasil sobre a população *gay* afegã, mas também, produzem discursos do afegão sobre o *gay* e do *gay* afegão sobre ele mesmo, afetando e sendo afetado por diferentes posições-sujeito. Existem discursos que estão constantemente em disputa e que são essenciais para que se compreendam as possibilidades de efeitos de sentido sobre ser e (r)existir nessas condições.

Fator muito marcante nas análises reside nas formas do silêncio que atravessam o imaginário sobre sujeitos *gays* afegãos da/na mídia no Brasil. A mídia, por sua vez, em sua busca por legitimidade, traz discursos diretos de *gays* afegãos que demonstraram o funcionamento do silêncio fundante, a política do silêncio, o silêncio constitutivo e o silêncio local como articuladores de uma maneira de subsistir. Nesse sentido, constata-se que a posição-sujeito *gay* afegão só pode existir em silêncio, nos porões do imaginário, com palavras apagadas e sujeitos à margem.

As análises e discussões indicam que o imaginário social é materializado em discursos e, ao mesmo tempo, os discursos são constitutivos deste imaginário. O imaginário é, pois, constituído/constitutivo por/de uma posição-sujeito por vezes silenciada (“homem *gays* afegão”), que é marcada por um discurso de resistência no entremeio de diferentes formações discursivas e produtora de efeitos de sentidos díspares sobre diferentes modos de existência.

## | Referências

**ALCORÃO SAGRADO.** Sétima surata, versículos 80 a 81. Tradução Samir El Hayek. São Paulo: Expansão Editorial, 1975.

BACHA BAZI: a prática do abuso sexual de meninos no Afeganistão. **Metrópoles.** São Paulo, 22 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/bacha-bazi-a-pratica-de-abuso-sexual-de-meninos-no-afeganistao>. Acesso em: 22 nov. 2021.

BUTLER, J. **Gender Trouble:** Feminism and the Subversion of Identity. Nova Iorque: Routledge, 2006.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

ESSAR, M. Y.; TSAGKARIS, C.; GHAFARI, H.; AHMAD, S.; ABORODE, A. T.; HASHIM, H. T.; LUCERO-PRISNO, D. E. Rethinking ‘Bacha Bazi’, a culture of child sexual abuse in Afghanistan. **Medicine, Conflict and Survival**, v. 37, n. 2, p. 118-123, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/13623699.2021.1926051>

FATIMA, W. da S. de; MARIANI, B. **Corpos inatingíveis:** uma análise do discurso da mídia religiosa sobre os corpos não-heterossexuais. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503192297\\_ARQUIVO\\_FinalFG.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503192297_ARQUIVO_FinalFG.pdf). Acesso em: 28 nov. 2021.

FRANÇA, G. Por lentes de gênero e raça: a análise de discurso sobre uma brasilidade. *In:* FERRARI, A. J.; ZOPPI-FONTANA, M. G. **Mulheres em discurso:** identificação de gênero e práticas de resistência. Vol. 2 Campinas: Pontes Editora, 2017.

FREITAS, T. A. de S.. **Conflitos no Afeganistão:** causas e consequências. Academia Militar, Curso de Infantaria, Trabalho de Investigação Aplicada, 2009. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6954/1/TIA-Conflito%20no%20Afeganist%c3%a3o-.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2021.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, R. L. (org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007 [1971]. p. 13-32.

HARRIS, Z. Discourse Analysis. **Language**, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952. Disponível em: <https://jstor.org/stable/409987>. Acesso em: 27 set. 2024.

KARIMI, F. **Afegão gay relata terror sob regime do Talibã**: “Estou tentando sobreviver”. CNN, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/afegao-gay-relata-terror-sob-regime-do-taliba-estou-tentando-sobreviver/>. Acesso em: 22 dez. 2021.

MARIANI, B. Discursos e Instituição: a imprensa. **Revista Rua**, v. 5, p. 47-61, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640651/8196>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MATOS, K. Contextualização Histórica, Sociocultural do Islamismo. **Revista Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, Brasil, v. 19, n. 3, p. 449-464, 2010. DOI: 10.18224/frag.v19i3.1067. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1067>. Acesso em: 27 set. 2024.

ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. *In*: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas: Pontes Editora, 2006.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.



PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1969].

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

PIAZZA, W. O. **Religiões da humanidade**. São Paulo: Loyola, 1991

RAMALHO, C. Prazer entre homens é prática comum entre os Talibãs. **Uol**, 26 de agosto de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2021/08/26/prazer-entre-homens-e-pratica-comum-entre-os-talibas.htm>. Acesso em: 04 dez. 2021.

SANTOS, L. J. de J. **Jornalismo e religião**: uma análise de conteúdo no embate midiático entre Record e Veja. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Comunicação/Jornalismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/32799/1/Religi%C3%A3o\\_Jornalismo\\_Vers%C3%A3o%20Final\\_Luan\\_2.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/32799/1/Religi%C3%A3o_Jornalismo_Vers%C3%A3o%20Final_Luan_2.pdf). Acesso em: 29 nov. 2021.

SANTOS, D. de J. S. Ummah e narrativas: história e identidade da religião islâmica. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 2, n. 1, p. 167-196, 2011. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/39>. Acesso em: 28 nov. 2021.

SANTOS, D. Refugiados LGBTQ+: Crise no Afeganistão e Inadequação na resposta da União Europeia. **Cadernos de Relações Internacionais**, n. 1, p. 62-80, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.cadri.61330>. Acesso em: 20 set. 2024.

SOUSA, C. P. de M. e. Discurso e mídia: as relações de poder nas/das revistas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 926-935, set./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1133>. Acesso em: 28 nov. 2021.

**THE Dancing Boys of Afghanistan**. Direção Najibullah Quraishi, Jamie Doran, Mike Healy. Produção Najibullah Quraishi. Reino Unido, Clover Films, 2010. DVD, 52 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B7eMUwkKiFY>. Acesso em: 21 set. 2021.

**THIS is What Winning Looks Like.** Direção Bem Anderson. Produção Travis Wood. Estados Unidos da América: Vice News, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ja5Q75hf6QI>. Acesso em: 22 set. 2021. 1 documentário, 1h 29min.

**Como citar este trabalho:**

SANTOS, Carlos Eduardo de Paula; LOPES, Maraísa; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes. Estou tentando sobreviver: constituição de imaginários sobre gays afegãos pela mídia jornalística no Brasil. **Revista do GEL**, v. 21, n. 2, p. 201-226, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 11/12/2023 | Aceito em: 27/09/2024.